

# Educar para a palavra

Manual de apoio para o professor

## Índice

<b>1. Ponto de partida</b>	<b>2</b>
<b>2. Das dificuldades às soluções</b>	<b>2</b>
<b>3. Leitura em ação</b>	<b>3</b>
3.1. Leitura ativa	3
3.2. Leitura com propósito	4
<b>4. Da ideia ao texto</b>	<b>6</b>
4.1. Escrita como processo	7
4.2. Escrita criativa estruturada	8
<b>5. Conclusão</b>	<b>10</b>

## 1. Ponto de partida

A leitura e a escrita constituem competências estruturantes no desenvolvimento não só académico, mas também pessoal da criança e do jovem. Mais do que aprendizagens que pertencem ao currículo pedagógico, são ferramentas que sustentam o acesso ao conhecimento, à capacidade de dar significado a tudo o que os rodeia e à participação ativa na sociedade. Ler não é apenas decifrar palavras, escrever não é apenas organizar frases. Ambas implicam compreender, interpretar, relacionar, questionar e comunicar com intencionalidade.

Num contexto educativo, cada vez mais exigente, a leitura e a escrita assumem-se como uma poderosa ferramenta de pensamento crítico. É através da leitura que as crianças e os jovens aprendem a analisar as informações, distinguem factos de opiniões, reconhecem diferentes perspetivas e constroem argumentos fundamentados. É através da escrita que organizam o pensamento, clarificam ideias, estruturam raciocínios e desenvolvem a sua autonomia intelectual. Assim, promover a leitura e a escrita é essencial para incentivar a capacidade de pensar de forma consciente, reflexiva e responsável.

Este manual surge para apoiar o/a professor/a nesse grande desafio. Pretende oferecer estratégias práticas, aplicáveis em contexto de sala de aula e adaptáveis aos diferentes níveis de ensino. Mais do que apresentar atividades isoladas, procura fornecer orientações que possam ser integradas de forma consistente na prática pedagógica, favorecendo a formação de futuros leitores e escritores autónomos e competentes.

## 2. Das dificuldades às soluções

Vamos partir das dificuldades dos alunos. Este é um passo crucial para que a intervenção pedagógica seja realmente eficaz e significativa. Em qualquer problema do dia a dia, se não conseguirmos identificar realmente a sua origem, mais dificilmente iremos encontrar uma solução. Neste caso, sem perceber onde está o obstáculo, o/a professor/a corre o risco de aplicar estratégias genéricas que podem não responder às necessidades reais de cada aluno. Identificar as dificuldades não é apenas detetar problemas, é permitir que o/a professor/a consiga agir com eficácia, criando experiências de aprendizagem positivas e com impacto.

De acordo com um estudo da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), divulgado em setembro de 2025, os principais motivos de quem não lê são: 46% referem a falta de interesse, 39% a falta de tempo e 35% preferem outras ocupações nos tempos livres. Será que podemos ter um papel preponderante no processo de mudança destes números?

**Comecemos por criar uma *checklist* das principais dificuldades que habitualmente são identificadas.**

Aproveite esta lista para assinalar as que correspondem às dos seus alunos. Iremos deixar também algumas linhas em branco, para que possa preencher de acordo com o que observa diariamente com a sua experiência prática:



**Falta de motivação para a aprendizagem.**

*(Que estratégias pedagógicas inovadoras podemos utilizar para motivar os alunos?)*

---

---



**Os alunos percecionam a leitura e a escrita apenas como obrigação.**

*(Como podemos mostrar aos alunos a importância da leitura e da escrita para o seu futuro?)*

---

---



**Muitos alunos conseguem ler palavras ou frases, mas não conseguem entender o real significado do texto.**

*(Como podemos direccionar os alunos para uma reflexão mais intencional do que estão a ler?)*

---

---



**Experiências negativas no passado, ou falta de contacto com textos significativos, reduzem o empenho.**

*(Como podemos “fugir” dos modelos de ensino tradicional, para implementar momentos que se tornam verdadeiras boas memórias?)*

---

---



**Limitação na construção de frases mais complexas ou em responder a perguntas com maior exigência de interpretação.**

*(Como podemos acrescentar vocabulário e desenvolver a capacidade de reflexão?)*

---

---



**Os alunos não sabem como começar este processo de aprendizagem da leitura e da escrita.**

*(Como podemos ser os impulsionadores de aprendizagens significativas?)*

---

---

Nos próximos pontos, tentaremos ajudar a dar resposta às várias questões que fizemos anteriormente.

## 3. Leitura em ação

### 3.1 Leitura ativa

Saber ler é essencial, e a pouco e pouco é uma aprendizagem que se vai adquirindo. Porém, apenas passar os olhos pelo texto não garante que o/a aluno/a se irá lembrar do que leu ou se compreendeu efetivamente o conteúdo.

Esta preocupação leva-nos a decifrar o que é a **Leitura Ativa**. Partimos do seu significado, sendo uma forma intencional e participativa de ler, em que o/a aluno/a irá interagir com o texto, em vez de apenas o percorrer com os olhos. O/A aluno/a não irá ler apenas as palavras, vai construir o seu significado.

Mas como podemos desenvolver a leitura ativa?

Uma das estratégias a que podemos recorrer é a aplicação de **Powerful Questions** (perguntas poderosas). Em definição, são questões abertas, desenhadas para estimular uma reflexão mais profunda. Com este tipo de questões vamos evitar respostas simples, como "sim" ou "não", promovendo a criatividade e a motivação de forma espontânea.

***Para entender algo complexo, faça uma pergunta simples.***

*Alan Duffy*

## Da teoria à prática

*(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)*

**Público-alvo:** Pré-escolar

**Atividade:** Detetives de histórias

**Material:**

- História simples e maioritariamente com imagens;
- Cartão com imagem representativa de detetive;
- Chapéu de detetive para cada aluno (opcional).

**Descrição:**

O/a moderador/a assume o papel de mediador/a da leitura, orientando todo o processo de forma intencional e estratégica. Ao longo da atividade, em momentos previamente definidos (antes, durante e após a leitura), levantará o cartão “Detetive”, como sinal visual de que os alunos deverão assumir um papel ativo na construção da história.

Esse gesto simbólico indica que é o momento de “pôr o chapéu de detetive”, isto é, de observar com atenção, formular hipóteses, interpretar pistas e participar de forma reflexiva. As questões feitas são cuidadosamente selecionadas para provocar a reflexão e a criatividade, levando os alunos a pensar de forma ativa e quase intuitiva, sem se sentirem pressionados ou sujeitos a avaliação.

Alguns exemplos de questões que podem ser elaboradas:

- Antes da história:
  - O que acham que vai acontecer?
  - Quem pode ser esta personagem que se encontra na capa do livro?
  - Onde se irá passar esta história?
- Durante a história:
  - O que será que a personagem vai fazer agora?
  - Porque será que a personagem está triste/feliz?
  - O que será que esta imagem nos diz como pista para o que vai acontecer a seguir?
- Depois da história:
  - O que aprendemos com esta história?
  - Já vos aconteceu algo parecido?

## 3.2. Leitura com propósito

Enquanto a leitura ativa se refere à forma como o leitor lê, a leitura com propósito refere-se à intenção que orienta o leitor no momento. A leitura ativa dá profundidade, enquanto a leitura com propósito dá a direção. Podemos dizer que se complementam, mas vamos neste momento explorar a técnica de **Leitura com Propósito**.

A leitura com propósito consiste em ler com uma intenção clara e bem definida. Antes de iniciar a leitura, o leitor/aluno sabe previamente porque está a ler e o que pretende retirar do texto. Seja identificar uma ideia principal, recolher uma informação específica, compreender um conceito ou preparar um debate, por exemplo.

Ao estabelecer um propósito, a leitura torna-se mais focada e eficaz, pois o leitor/aluno irá procurar as melhores estratégias para selecionar a informação relevante e manter uma maior atenção ao longo de todo o processo. Definir o propósito antes da leitura orienta os/as alunos/as, promovendo a sua autonomia e a sua capacidade para desenvolver uma compreensão mais profunda e significativa.

### Da teoria à prática

*(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)*

**Público-alvo:** 1.º ciclo

**Atividade:** Missão Secreta de Leitura

**Material:**

- Texto/história adaptada ao ano de escolaridade e nível de aprendizagem do grupo;
- Cartões com diferentes missões (o mesmo número de participantes do grupo);
- Lápis de cor para sublinhar.

**Descrição:**

Antes de o grupo iniciar a leitura do texto, o/a professor/a deve entregar a cada aluno um cartão com uma tarefa/missão específica (cada cartão deve ter uma cor diferente, sendo a cor que os alunos irão utilizar para sublinhar no texto a informação que dá resposta à sua missão).

Exemplos:

- Descobrir quem são as personagens principais;
- Identificar onde e quando acontece a história;
- Encontrar três palavras desconhecidas;
- Descobrir o problema da história;
- Descobrir quem são as personagens secundárias.;
- Encontrar três palavras com mais do que quatro sílabas.

Desta forma, os alunos vão ler o texto com uma maior atenção, sabendo exatamente o que devem procurar.

Após a leitura, é necessário criar um momento de partilha, para validar se as missões foram cumpridas com sucesso. Neste momento final, cada aluno deve partilhar o resultado da sua descoberta. Num quadro ou painel, o/a professor/a deve registar todas as informações recolhidas. Desta forma, será construída em conjunto uma análise global e mais aprofundada do texto.

Como recompensa, o grupo recebe a medalha de “Missão cumprida com sucesso”.

## 4. Da ideia ao texto

### 4.1 Escrita como processo

Com o intuito de fomentar a motivação para uma aprendizagem e desenvolvimento da escrita mais ativa e positiva, vamos partir da ideia de que a escrita não é apenas escrever palavras numa folha, é um processo de construção que pode ter significado. Para que o aluno aprenda a organizar ideias, expressar pensamentos e consiga evoluir na sua construção de textos, vamos explorar a abordagem **Escrita como Processo**.

Na perspetiva da escrita como processo, a escrita não surge como um produto final imediato, mas resulta da passagem por um conjunto de etapas interligadas.

**1.ª Etapa: Planeamento (pré-escrita)** – Fase em que é escolhido o tema e são recolhidas algumas ideias. Momento inicial de organização da informação importante.

**2.ª Etapa: Redação do texto** – Fase em que as ideias inicialmente recolhidas são transformadas em frases. Nesta fase, damos destaque à criatividade e à coerência no texto, sem dar grande destaque à correção de erros e da gramática (será algo a realizar na etapa seguinte).

**3.ª Etapa: Revisão** – Fase em que se verifica se existem erros gramaticais, ortográficos e de pontuação, de modo que sejam corrigidos. Será também nesta fase que o escritor/aluno

deve avaliar se o seu texto cumpre o pedido ou os objetivos propostos.

**4.ª Etapa: Reescrita (texto final)** – Fase em que há uma melhoria do vocabulário e de toda a estrutura. Rer, reescrever e melhorar, as vezes que se considerar necessário, para ter o texto definitivo em que o aluno sinta que é realmente um bom produto final.

## Da teoria à prática

*(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)*

**Público-alvo:** 2.º ciclo ou 3.º ciclo

**Atividade:** Troca de opiniões

**Material:**

- Folhas e material de escrita

**Descrição:**

A atividade apresentada deve ser realizada em grupo, apesar de certos momentos serem concretizados individualmente.

Numa primeira fase, será realizado um debate em grupo, com o objetivo de cada aluno recolher o máximo de ideias que correspondam à sua opinião e que possam contra-argumentar as opiniões opostas. O/a professor/a irá fazer a grande questão (algo próximo da realidade dos alunos), sugerimos:

### ***Os trabalhos de casa devem existir?***

Na fase seguinte, cada aluno, individualmente, deve escrever o seu texto, com a sua opinião, respeitando a estrutura. Esta estrutura deverá ter uma pequena introdução, na qual apresenta a sua opinião, o desenvolvimento, em que irá descrever os seus argumentos, apresentando exemplos sempre que possível, e terminará com um reforçar da sua posição.

Com o texto concluído, estamos prontos para avançar para a parte da revisão, que será realizada em pares. Entre pares, devem trocar os textos, em que o papel de cada um será fazer a revisão, identificando erros de escrita, gramaticais ou de estrutura das frases.

Concluimos o processo de novo de forma individual, sendo que cada aluno recebe o seu texto e reescreve de acordo com as devidas sugestões de melhorias e correções. Neste momento, temos orgulhosamente o texto final.

Sugerimos que os trabalhos realizados sejam expostos, numa exposição intitulada “Opinião com forma”, não com foco na partilha de ideias, mas para destacar a forma como cada aluno escreveu e desenvolveu o seu texto.

## 4.2 Escrita criativa estruturada

Muitos alunos têm ideias, mas quando chega o momento de escrever, acabam por bloquear. Não sabem como começar, como organizar o texto ou mesmo como concluí-lo. A ansiedade da “folha em branco” pode levar muitas vezes à desmotivação, que indicámos inicialmente como uma dificuldade e preocupação no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A **Escrita Criativa Estruturada** é uma estratégia/técnica que vai combinar dois elementos essenciais. Por um lado, a criatividade e a originalidade, sem limitar a imaginação dos alunos, por outro lado, vai transmitir as orientações para a estrutura, estipulando uma organização com critérios claros, que vão apoiar todo o processo.

Ao contrário da escrita totalmente livre, que pode gerar bloqueios e/ou textos desorganizados, com esta abordagem os alunos terão um guia, mas sem nunca os limitar. Como se processa?

O/A professor/a apresenta um ponto de partida, por exemplo, uma situação, uma imagem, um conjunto de palavras ou um guião com etapas, que funciona como apoio à organização das ideias. Antes de escrever, os alunos planificam o que vão desenvolver e depois produzem o texto, seguindo a estrutura proposta.

Desta forma, a criatividade é estimulada enquanto o aluno é apoiado durante o processo de organização do pensamento, escrevendo com maior segurança e qualidade.

## Da teoria à prática

(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)

**Público-alvo:** Secundário

**Atividade:** E se...?

**Material:**

- Folhas e material de escrita

**Descrição:**

O/A professor/a irá definir o ponto de partida, desafiando o grupo a escolher uma das duas hipóteses, que irá desenvolver em texto individualmente:

***E se, durante 24 horas, ninguém pudesse mentir?***

OU

***E se todas as memórias pudessem ser apagadas legalmente?***

Os textos terão de seguir uma estrutura orientadora obrigatória. Nomeadamente:

1. Contextualização inicial, identificando onde e quando decorre a ação;
2. Devem incluir uma personagem com um conflito interno explícito;
3. Devem criar um momento que altera a narrativa;
4. Tornando a história mais emocionante, devem incluir uma consequência inesperada;
5. Não esquecer de incluir um final aberto ou reflexivo.

Além destas diretrizes, podem ainda ser incluídas mais algumas características importantes, tais como:

1. Devem incluir pelo menos dois diálogos entre as personagens;
2. Devem integrar uma frase interrogativa retórica;
3. A extensão do texto deverá ter entre 400 e 600 palavras.

No final, em pares, haverá uma troca de textos, em que cada um deve analisar se todos os critérios da estrutura foram seguidos, incluindo sugestões de melhoria.

## Conclusão

Existem muitas estratégias ou técnicas pedagógicas que podem apoiar o processo de ensino da leitura e da escrita. Contudo, nenhuma delas é universal ou automaticamente eficaz. A sua pertinência depende sempre das características do grupo, do contexto, das necessidades específicas dos alunos e dos objetivos definidos. Não existem limites, existem desafios!

Promover a leitura e a escrita como práticas regulares deve ser uma prioridade, independentemente da área disciplinar. Ler e escrever não são competências exclusivas da disciplina de Português, são ferramentas estruturantes de aprendizagem, pensamento e participação crítica.

Resta-nos ainda lançar a ideia do/a professor/a enquanto mediador no processo de aprendizagem. Desta forma, deixa de ser um transmissor de conteúdos pedagógicos para passar a ser um facilitador no processo de construção.

Não se trata de ensinar a ler e a escrever, mas sim criar condições para que o aluno se torne um leitor e um escritor autónomo.

Enquanto um “professor transmissor” explica o texto, corrige os erros, dá as respostas e tem o foco no produto final, um “professor mediador” ajuda o aluno a descobrir o texto, orienta a reflexão, faz perguntas e promove o diálogo.

Terminamos com uma questão-chave dirigida a todos os docentes que consultam este manual, não como crítica, pois reconhecemos plenamente os desafios quotidianos da profissão, mas como convite à reflexão:

***Estou a facilitar que o aluno pense... ou estou a pensar por ele?***

Este manual foi concebido como um guia prático de apoio ao professor na promoção da leitura e da escrita como competências essenciais ao desenvolvimento académico e pessoal dos alunos. Partindo das dificuldades reais observadas em sala de aula, propõe uma abordagem reflexiva e estratégica, centrada na identificação de obstáculos e na implementação de soluções pedagógicas eficazes.

Ao longo do documento, são apresentadas metodologias como a Leitura Ativa e a Leitura com Propósito, que incentivam a compreensão profunda e o envolvimento dos alunos, bem como estratégias para o desenvolvimento da escrita enquanto processo estruturado. Inclui ainda propostas de atividades práticas, adaptadas a diferentes níveis de ensino, que facilitam a aplicação direta em contexto educativo.

Mais do que um conjunto de exercícios, este manual valoriza o papel do professor como mediador da aprendizagem, promovendo a autonomia, o pensamento crítico e a construção significativa do conhecimento. Constitui, assim, um recurso flexível e aplicável, que pretende contribuir para a formação de leitores e escritores mais conscientes, críticos e competentes.